

## FORMAÇÃO EM FONAUDIOLOGIA: UM OLHAR DA SAÚDE COLETIVA

*Mariana Cabral da Rocha<sup>1</sup>*  
*Gilson Saippa de Oliveira<sup>2</sup>*

### INTRODUÇÃO

A discussão de uma nova proposta de formação dos profissionais da saúde, a partir de projetos inovadores que articulam ensino-serviço-comunidade, se estende a formação dos fonoaudiólogos, evidenciado pela aproximação com a saúde coletiva durante a formação, ressalta o processo de mudança com aprovações das DCN's (2012) que traz o SUS como eixo orientador das práticas em saúde, tendo como destaque a discussão entre reflexão, ação e problematização, valorizando os aspectos envolvidos no ambiente de trabalho e na sociedade, qualificando a prática em saúde. Entende-se que formação requisita uma configuração mergulhada de práticas cuidadoras em saúde, considerando a pluralidade e a singularidade do processo de viver, que coloca o usuário no centro da atenção. Isso cresce a partir da necessidade de criar relações dialógicas entre os sujeitos implicados no cuidado (PINHIERO et al, 2014; OLIVEIRA; CAMPOS, 2017).

Para haver uma mudança no processo de trabalho, é preciso que aconteçam modificações provenientes da formação acadêmica (COSTA et al, 2012). Mudar a formação demanda a adoção de currículos interdisciplinares e que desloquem o eixo da formação para uma formação contextualizada, pensando nos aspectos sociais, econômicas e culturais da comunidade, de forma que os profissionais consigam enfrentar os problemas nos diferentes cenários. Para inserir a fonoaudiologia na saúde pública, é preciso estar no SUS, com as atuais propostas de reflexão da formação, busca-se um diálogo com outras áreas da saúde para embasar suas ações (CARVALHO et al, 2009; CASANOVA; MORAES; MORENO, 2010).

Busca-se nesse trabalho compreender como os alunos que vivenciaram o Estágio em Fonoaudiologia Institucional (componente Saúde Coletiva), desenvolvidos em diferentes cenários de estágio, percebem seu processo de formação e seu impacto na construção da identidade profissional.

### REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Produzir cuidado remete reflexão sobre as relações entre os sujeitos envolvidos, em que esse movimento se efetivará se houver relação com o processo de trabalho nos serviços de saúde. É nesta área que a formação ganha corpo de intervenção, vivenciando os desafios diários dos serviços. Ao considerar a integralidade como um princípio das práticas do cuidado, evidencia-se a necessidade de discutir os processos de formação em saúde e as práticas de

---

<sup>1</sup> Fonoaudióloga, Exército Brasileiro - Ministério da Defesa. Mestre em Ensino na Saúde: Formação docente interdisciplinar para o SUS pela Universidade Federal Fluminense. Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa. Niterói, RJ-Brasil. E-mail: marianacabral.fono@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Professor Associado III - Universidade Federal Fluminense. Instituto de Saúde de Nova Friburgo. Departamento de Formação Específica em Fonoaudiologia - Nova Friburgo, RJ-Brasil. E-mail: gilsonsaippa@gmail.com

formação baseadas na dissociação entre atenção e gestão, que ainda tem sua intervenção pautadas na queixa (HECKERT; NEVES, 2007)

Cardoso et al. (2018) concordam com Heckert e Neves (2007) na percepção de que as instituições de ensino no campo da saúde auxiliam no movimento necessário de mudança no ensino e na prática, ao enfrentar questões voltadas a saúde pública brasileira. Destacam que na saúde, os currículos sofrem grande influência dos modelos biomédicos, em que se tem uma visão mecanicista e de partes inter-relacionadas, evidenciando o currículo apresentado de forma fragmentada, valorizando os atendimentos individuais, em que a prioridade nesse modelo é a aquisição de teorias, com pouca valorização da prática e autonomia do aprendiz. Confirmam que um novo modelo de formação precisa contemplar em sua estrutura curricular o conceito amplo de saúde, favorecendo os diferentes saberes e práticas.

As discussões sobre o tema evidenciam a grande dificuldade de efetivação deste conceito. Mostra o grande afastamento entre o serviço e as instituições de ensino, com pouco diálogo e limitação de ações, gestão, organização e participação do usuário. As práticas na formação precisam estar pautadas nas experiências do indivíduo, tanto no âmbito da universidade como da vida. Assim, a partir do momento que essa integração acontece efetivamente, existe a união entre os envolvidos, diminui-se a distância entre ensino e cuidado, favorece a integração ensino-serviço consolidando o SUS (LEMOS, 2012; TELES; ARCE, 2015).

O olhar diferenciado do cuidado e dos aspectos coletivos do adoecer e da saúde extrapolam os limites que as especialidades impõem. Alunos vivenciam a formação como construção do saber a partir de vivências realizadas na graduação e no dia a dia, sendo de grande valia a relação teoria e prática, não valorizando apenas a transmissão de conhecimentos técnicos. Evidencia-se a necessidade de criação de espaços interdisciplinares de atuação e vivências, fortalecendo a discussão de reorganização na formação profissional com inter-relações curriculares, dissolvendo a fragmentação (TELES; ARCE, 2015)

## **METODOLOGIA**

Esta é uma pesquisa qualitativa e descritiva a partir da realização de um grupo focal com egressos (formandos 2017.2) do curso de fonoaudiologia de uma Universidade Pública que se disponibilizaram a responder perguntas abordando os temas acolhimento, formação em saúde, apoio institucional e processo de trabalho, a partir das vivências realizadas no Estágio em Fonoaudiologia Institucional (componente Saúde Coletiva) que acontecem em diferentes cenários da rede de Atenção à Saúde de um Município da Região Serrana. O projeto teve a aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa, sob o parecer de aprovação 2.086.912. O grupo focal foi realizado com egressos do curso e seus achados foram analisados a partir da análise temática. Para fins deste trabalho foram considerados os dados referentes à categoria de formação em saúde e suas categorias empíricas.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

A saúde só é produzida a partir da conexão de saberes, sejam eles acadêmicos ou culturais. Com isso, as ações de uma unidade de saúde não devem ser fragmentadas, pois são responsáveis pela saúde de forma integral (ALMEIDA; FURTADO, 2006), Margarida acredita que esse olhar diferenciado também é *“(...)uma questão da formação que não nos prepara pra essa, ter essa visão mais ampla, visão mais geral da promoção de saúde”, e complementa que “na disciplina teórica são tantas coisas que a gente se preocupa,(...) vem as disciplinas específicas, vem as*

*patologias, e a gente fica dentro daquela caixinha. Quando a gente chega no estágio, a gente ainda tá muito dentro da caixinha.*” Assim, identifica-se a necessidade de mudanças ainda na graduação a partir de propostas que visem quebrar com essa fragmentação, para que as transformações cheguem aos serviços a partir das mudanças no processo de trabalho dos profissionais.

Observa-se que a implantação dos conceitos da PNH ainda é um grande desafio, diante da resistência de profissionais que não aderem aos processos de mudanças, mantêm a verticalização da gestão e demais características que fragilizam o trabalho e o trabalhador (Roza et al, 2014). Essa perspectiva se estende a formação do fonoaudiólogo, sendo fundamental que este esteja baseada em práticas e organização do trabalho, pautadas na problematização dos processos de trabalho e do cuidado (LEMOS, 2012).

Para superar esse modelo, a fonoaudiologia tem discutido a formação, valorizando a formação generalista, reflexiva e humanista (TELES; ARCE, 2015), com práticas que se evidenciam nas relações com a construção do cuidado, no acolhimento, na gestão, na escuta qualificada (HECKERT; NEVES, 2007).

As atividades propostas pelo estágio surgem para auxiliar na superação de modelo de formação, e fez com que os alunos refletissem sobre a construção de sua identidade profissional, Rosa afirma que *“poxa eu gostei mais de ser essa fono, que pode fazer grupo, que pode fazer uma coisa maior do que em clínica,”* e confirma a fragmentação da formação relatando que *“a gente é formado pra trabalhar em clínica, pra clinicar, a gente não é formado pra trabalhar na saúde coletiva.”* Acácia reforça o valor da saúde coletiva durante a graduação quando diz que *“eu acho que na nossa graduação a saúde coletiva precisava de um espaço maior, uma valorização maior, que a gente vê muito nos primeiros períodos, e a gente não vê a importância da saúde coletiva”*

Os espaços de troca e diálogo na graduação são poucos ou até inexistentes, o que pode ser uma barreira quando esse profissional é inserido na rede, ao ser colocado a atender de forma interdisciplinar, evidenciando dificuldades por não terem vivenciado realidades distintas em sua formação (ARCE, 2014).

O estágio em fonoaudiologia institucional (componente saúde coletiva) possibilitou a vivência em diferentes espaços da rede, trazendo um olhar diferenciado para cada território, sendo necessário que o aluno refletisse sobre sua atuação e sobre a construção da identidade profissional que está em desenvolvimento neste período da graduação. Mesmo com os cenários apresentados, desafios e dificuldades precisaram ser enfrentados, inclusive entre os envolvidos no desenvolvimento do estágio, proporcionando maior articulação e diálogo entre alunos, trabalhadores, professores e gestores para que o aproveitamento e benefícios do estágio fossem maiores.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A inserção do aluno no ambiente do SUS ainda em seu período de formação, como preconizado pelas DCN's e PPP dos curso de graduação da área da saúde, incluindo a fonoaudiologia, mostrou ser de grande importância para construção de sua identidade profissional ao apresentar diferentes possibilidades de atuação fonoaudiológica, com atuação em diferentes níveis de atenção à saúde e podendo fazer parte de diversos programas na rede, inclusive a presença no acolhimento, trazendo para sua construção o olhar ampliado e a escuta qualificada, que contribuem para organização da porta de entrada e responsabilização pelo

cuidado, atuação na prevenção e promoção de saúde, contribuindo para a mudança na percepção da subjetividade e integralidade do sujeito, que passa a atuar de forma generalista e reflexiva.

As experiências vivenciadas pelos alunos e destacadas em suas falas demonstram que os esforços para integrar serviço-ensino-comunidade tem apresentado impacto significativo na construção da identidade profissional dos mesmos, fazendo-os refletir sobre suas práticas, sobre o tipo de profissional que pretende ser, considerando a importância da experimentação no cotidiano dos serviços como potencializador do processo de aprendizagem e consequentemente do processo de trabalho, sendo considerado por eles como “ferramenta” para futuras intervenções fonoaudiológicas e tornando-os profissionais mais humanizados e atentos ao cuidado integral e a subjetividade do sujeito ao se realizar clínica fonoaudiológica.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALMEIDA, E.C.; FURTADO, L.M. **Acolhimento em saúde pública: a contribuição do fonoaudiólogo.** Rev. Ciênc. Méd., Campinas, 15(3):249-256, maio/jun., 2006.
2. ARCE, V.A.R. **Fonoaudiologia e Saúde Mental: reorientando o trabalho na perspectiva da atenção psicossocial.** Rev. CEFAC. 2014 Mai-jun.; 16(3):1004-1012.
3. CARDOSO, G. M.P.L et al. **Caminhos do ensino superior brasileiro: formação em ciclos em saúde.** URL: [www.italo.com.br/portal/cepep/revista\\_eletronica.html](http://www.italo.com.br/portal/cepep/revista_eletronica.html). São Paulo SP, v.8, n.1, p. 44-64, jan/2018.
4. CARVALHO, M.C.A. **Projeto Pedagógico do Curso de Fonoaudiologia.** Polo Universitário de Nova Friburgo- Niterói, RJ 2009.
5. CASANOVA, I.A.; MORAES, A.A.A.; MORENO, L.R. **O ensino da promoção da saúde na graduação de fonoaudiologia na cidade de São Paulo.** Pro-Posições, Campinas, v. 21, n. 3 (63), p. 219-234, set./dez. 2010.
6. COSTA, J.C. et al. **Acesso ao serviço de fonoaudiologia: A implantação do acolhimento no município de Toledo-PR.** Rev. CEFAC. Set-Out; 14(5): 977-983 2012.
7. HECKERT, A. L. C.; NEVES, C. E. A. B. Modos de formar e modos de intervir: quando a formação se faz potência de produção do coletivo. In: MATTOS, R. A.; BARROS, M.E.B.; PINHEIRO, R. (Org.). **Trabalho em equipe sob o eixo da integralidade: valores, saberes e práticas.** 1 ed. Rio de Janeiro: CEPESC-IMS/UERJABRASCO, 2007, v. 1, p. 145-160.
8. LEMOS, M. **A integração ensino-serviço no contexto da formação do fonoaudiólogo: um relato de experiência da prática de ensino-aprendizagem no estágio de saúde coletiva.** Revista Baiana de Saúde Pública v.36, n.4, p.1068-1076 out./dez. 2012.
9. OLIVEIRA, M.M; CAMPOS, G.W.S. **Formação para o Apoio Matricial: percepção dos profissionais sobre processos de formação.** Physis Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, 27 [2]: 187-206, 2017.
10. PINHEIRO, R. et al. **Experienciação, Integralidade e Direito à Saúde: articulando conceitos, práticas de pesquisa e percepções para (re)pensar o agir do apoiador institucional.** In: PINHEIRO, R.; LOPES, T.C.; SILVA, F.H.& JUNIOR, A.G.S.- **Práticas de apoio e integralidade no sus: por uma estratégia multicêntrica de pesquisa.** Rio de Janeiro: CEPESC\ABRASCO, 2014. Pág.27-43.

11. ROZA, M.M.R. et al. **Experience of an education process linking humanization and institutional support within healthcare work.** Interface (Botucatu). 2014; 18 Supl 1:1041-52.
12. TELES, M.W.P.; ARCE, V.A.R. **Formação e Pet-Saúde: experiências de estudantes de fonoaudiologia na Bahia.** Rev. CEFAC. 2015 maio-jun.; 17(3):695-706.